

Carla Ferreira Nascimento

ESCREVIVÊNCIAS: A NARRATIVA FEMININA NEGRA COMO BARCO QUE CARREGA MEMÓRIAS NA TRAVESSIA DA ABOLIÇÃO DA HISTÓRIA

Educadora, pesquisadora do GPLAN PUC-SP, homenageada com duas moções honrosas, pelo compromisso com o desenvolvimento comunitário através dos valores das histórias femininas negras de seu território, Doutoranda em Letras pela PUC Rio.

Resumo

O artigo pretende levantar questões sobre a criação literária e a escrita da memória afrodiáspórica a partir do prefácio de *Becos da Memória* da autora Conceição Evaristo. Apoiado em referenciais tais como o conceito de fabulação crítica de Saidiya Hartman no processo de escrita para construção de uma contra-História (2021), oferece a possibilidade de diálogo com a descrição de corpo-documento de Beatriz Nascimento (2021), Judith Butler com a *Capacidade de sobrevivência, vulnerabilidade, co-moção*, Denise Ferreira da Silva em *O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo*, em confluência com o ensaio da pensadora Grada Kilomba, *Descolonizando o eu* (2020).

Recebido em: 28/06/2025
Aceito em: 29/09/2025

Revista Escrita.
Rio de Janeiro,
v. 30, 2025.
ISSN: 1679-6888

Palavras-chave

Escrevivência. Fabulação crítica. Narrativas de mulheres negras. Corpo-documento.

Introdução

O que está guardado na minha gente, em mim dorme um leve sono. E basta apenas um estalar de dedos, para as incontidas águas da memória jorrarem os dias de ontem sobre os dias de hoje.

Conceição Evaristo, 2016, p. 9

O presente artigo foi construído a partir da apresentação no Seminário Letras Expandidas – Letex, 2024 – na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, na mesa: Voz

a matéria do corpo. Inicialmente com o título *Narrativas de mulheres negras e o corpo-documento*, propunha um roteiro com um olhar contracolonizado para as narrativas femininas pretas. Posteriormente, foi refinado e reescrito com o objetivo de refletir sobre contra-narrativas, a partir do prefácio de *Becos da memória* de Conceição Evaristo e a criação de uma literatura escrita por mãos de mulheres negras.

Os conceitos perpassados aqui, tais como o de fabulação crítica de Saidiya Hartman no processo de escrita para construção de uma contra-História (2021), de corpo-documento de Beatriz Nascimento (2022), a fala de Judith Butler em *a Capacidade de sobrevivência, vulnerabilidade, comoção* (2015), Denise Ferreira da Silva em *O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo* (2016), confluem com o ensaio da pensadora Grada Kilomba, *Descolonizando o eu* (2020).

Hartman (2021), em seu texto crítico *Vênus em dois atos*, oferece um roteiro de criação das novas narrativas, onde a história afrodiaspórica da travessia atlântica é protagonizada e contada pela pessoa negra. Desta maneira, nestas reflexões a função do roteiro é subvertida, na medida em que é utilizado como método de análise crítica e não como método de criação narrativa do prefácio selecionado, enquanto metonímia das narrativas de mulheres negras, tanto literatas quanto mulheres anônimas que desafiam sua abolição contemporânea como contadoras de suas histórias.

Sendo assim, pretende-se refletir sobre quais são as feições dessa nova narrativa e o que estas histórias tornam possível. E, ainda, fazer a pergunta, é possível que o futuro da abolição seja performado primeiro na folha de papel?

Escrevivências: A narrativa feminina negra como barco que carrega memórias na travessia da abolição

A travessia atlântica que levou o primeiro barco-tumbeiro sequestrado da costa africana no século XV, aniquilou, coisificou, torturou, escravizou, invisibilizou e negou histórias individuais e coletivas a um incontável, e quase imensurável, número de pessoas negras, os quais, mais tarde, seriam conhecidos apenas como *escravos*. Embora a escravidão tenha sido abolida oficialmente em todos os continentes, não o foi na prática. Pessoas negras continuam sendo vistas metafisicamente como escravos e meras ferramentas de trabalhos subalternos.

No momento da saída de África - Mãe da Humanidade - todas as pessoas negras eram obrigadas a circular em torno da árvore centenária e sagrada, o Baobá, para que esquecessem sua história

e cultura vivida até aquele momento. Aqueles que sobreviviam à travessia, eram batizados e renascidos pretos novos no novo continente, inclusive com novos nomes, nomes cristãos e abençoados por um deus branco que não lhes protegeria, e continua não os protegendo. A história foi repetida em todos os continentes onde houve escravização de pessoas negras, e ainda continua acontecendo, pois o processo de invisibilização e tentativa de colonização da pessoa negra é contínuo e espiralar – onde passado e presente se misturam e retroagem mutuamente em prospecção de futuro –, portanto, atemporal. Este barco, carregado também de sentimentos e traumas diversos, cria o estado de Maafa:

Maafa é, desta maneira, o processo de sequestro e cárcere físico e mental da população negra africana, além do surgimento forçado da afrodiáspora. (...) A metáfora do genocídio, a qual sempre recorro, entende-o como um monstro com diversos tentáculos. Esse monstro mira o corpo negro a fim de matá-lo física, psicológica, epistemológica e espiritualmente. Ciente da complexidade e a heterogeneidade que é o Povo Negro, cada tentáculo é responsável por uma área do genocídio, assim, temos desde nutricídio, epistemicídio, racismo religioso, encarceramento em massa, ultraviolências homofóbicas e internação compulsória em hospitais psiquiátricos, até a efetiva morte física de toda a população negra, sem exceção ou recortes. (NJERI, 2019, p. 7)

O estado de Maafa a que se refere Njeri é o barco que transporta e vincula o trauma colonial ao trauma individual em diferentes categorias dentro do racismo, cotidiano gerando o choque violento, a separação e a atemporalidade (KILOMBA, 2020, p. 216). O estado de Maafa também pode ser explicado pelo trauma colonial memorizado, como observa Kilomba (2020), “um passado traumático que é reencenado através do racismo cotidiano” (p. 213), a agressão verbal, a violência psíquica, os assassinatos, e, claro o epistemicídio. Ou seja, o estado de Maafa nunca é atravessado, é como um barco que tenta atravessar a maré, contudo, é jogado violentamente de volta às margens das múltiplas ultraviolências. “Somos assombradas por memórias e experiências que causaram uma dor desumanizante, uma dor da qual se tem pressa em fugir” (KILOMBA, 2020, p. 219).

As narrativas de pessoas escravizadas e colonizadas documentam os esforços que *negras* e *negros* fizeram para normalizar a vida em uma realidade fragmentada. Devido à fragmentação histórica, e ao seu esmagador sentimento de separação, o amor e a união emergem como uma tarefa política para reparar nossa historicidade individual e coletiva de perda e isolamento. (KILOMBA, 2020, p. 222/3)

A história oficial sobre aqueles que foram escravizados é narrada de maneira como se não tivesse havido vida filosófica, evolutiva e material antes da escravização, forjando assim, o epistemicídio de um povo. Desta maneira, negros e negras são açoiados pelo sentimento de não ter origem, não ter uma história a ser contada, não pertencer. A eles sobra apenas corpos, corpos daqueles que se foram, daqueles que estão e dos que estão porvir. Porém, nestes corpos estão também suas histórias, suas travessias e suas (re) existências.

O barco continua sua travessia sem cessar. Mas, é possível criar estratégias para que este barco faça uma travessia com mentes menos encarceradas e maálicas. O barco ceifador e ao mesmo tempo plural, atravessou o atlântico, confluindo também pessoas com culturas pluriversais. Assim, carregou também a figura do Griô, Mestre intelectual e educador responsável por transmitir saberes, culturas, histórias e segredos como legado para as próximas gerações de maneira oral. Contudo, diante da brutalidade dos trabalhos forçados nos continentes, os homens foram gradualmente dividindo a posição com as mulheres, que em novos territórios se construíram Griotes, uma forma de educar pela matripotência e matritgestão, tal como coloca Oyèrónk Oy wùmí (2021). Resgatando e espiralando um passado-presente-futuro, através da simbologia do útero mítico, que era a própria Afrika, mas que também se transfigura no modo como a mãe forma indivíduos políticos através da afetividade, do diálogo e da contação de histórias. É possível observar aspectos desta cultura mãe-ventre que gera e gere toda uma família/comunidade, nas palavras da autora, retomando o amor que cita Kilomba, anteriormente:

Se havia um papel-identidade que definia fêmeas era a posição de mãe. Dentro da casa, os membros são agrupados em torno de diferentes unidades mãe-filhas/os descritos como omoya; literalmente, irmãos filhos de uma mesma mãe-ventre. Por causa da matrifocalidade de muitos sistemas familiares africanos, a mãe é o eixo em torno do qual as relações familiares são delineadas e organizadas. Consequentemente, omoya é a categoria comparável na cultura lorubá à irmã nuclear na cultura euro-americana branca. A relação entre irmãos de ventre, como aquela das irmãs da família nuclear, é baseada em uma compreensão de interesses comuns nascidos de uma experiência compartilhada. A experiência partilhada definidora, que une os omoya em lealdade e amor incondicional, é o ventre da mãe. (OYEWÛMÍ, 2021, p. 3)

Oralidade é vivência, vivência também da energia vital que potencializa a palavra, a palavra que encanta, a palavra em movimento,

a palavra como identidade, a palavra como possibilidade de transformação, a palavra que empodera e que promove a encantaria de seu poder político, transmitidos na matrigestão. O corpo é arquivo/território ancestral de memória, guardando vivências que ultrapassam e transpassam tempo e território, portanto, corpos plurais são arquivos de saberes e histórias plurais. Contudo, arrancados de seus territórios originais, são quase expatriados, e, novamente arrancados de seus territórios abolidos, são violentados novamente. Resta a história impressa nos corpos dos que vieram antes e dos que aqui estão.

É uma nova travessia atlântica dentro de seus “novos” habitares, restando apenas seus corpos enquanto territórios. Mesmo em tempos do agora, muitas vezes nossos corpos são os únicos territórios possíveis. É o que denota o pensamento de Beatriz Nascimento (2018), para quem cada corpo negro é um documento e um quilombo inteiro:

É importante ver que, hoje, o quilombo traz para a gente não mais o território geográfico, mas o território em nível de uma simbologia. Nós somos homens, nós temos direito ao território, a terra. Vários, vários e várias partes da minha história me contam que eu tenho direito ao espaço que eu ocupo na nação. E é isso que Palmares está dizendo naquele momento... Eu tenho direito a um espaço que eu ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse limite geográfico que é a capitania de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo, meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Onde eu estou, eu sou (NASCIMENTO, 2018, p. 337).

Contar histórias é uma metodologia, uma tecnologia ancestral africana. Recontar as histórias, (re)escrever, pode ser um artifício contracolonial quando se registra a História do povo negro em diáspora. Na medida em que é escrita em primeira pessoa, evita que o pensamento seja manipulado já que tem assinatura, é autoral e configura humanidade, sendo um movimento cosmoperceptivo do corpo inteiro em musicalidade, movimenta-se espírito, história e trajetória. É multissensorial e circular, acessa a subjetividade, a ancestralidade e torna a cultura afrodiaspórica viva. É também ocupação de um território do pensar, uma abolição que liberta do pensamento colonial. Segundo Kilomba:

Somos assombradas/os por memórias coloniais intrusivas, que tendem a voltar. [...] ressuscitar a vida dos ancestrais, elevando a memória dolorosa da escravização e contando-a corretamente. Esta é uma associação fascinante: nossa história nos assombra porque foi enterrada indevidamente. Escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la devidamente. (KILOMBA, 2020, p. 223/4)

Assim sendo, mulheres negras traça(ra)m estratégias para manter vivos ao menos traços de uma cultura negada e apagada, a história que não se aprende na escola, aquela que para a História oficial não é humana.

De todas as coisas que foram produzidas na África durante o período colonial – cultivos comerciais, Estados e tribos, para citar alguns – a história e a tradição são as menos reconhecidas. [...] faço as seguintes distinções: primeiro, a história como experiência vivida; segundo, a história como registro da experiência vivida que é codificada nas tradições orais; e, terceiro, a história escrita. A última categoria está muito ligada aos compromissos europeus com a África e à introdução da “escrita histórica” como disciplina e profissão. (OYEWUMÍ, 2021, p.133)

Mulheres negras sempre estiveram subalternizadas em territórios onde habitavam os colonizadores, seja em cozinhas, nos quartos das crianças enquanto amas, lendo para as senhoras e suas famílias, sendo estupradas pelo senhor, fazendo mandinga na obscuridade em serviço de muitas pessoas brancas em segredo, e, em um lugar de poder, que são as ruas, como “escravas de ganho” ou ganhadeiras. E, assim, foram confluindo, (re)existindo e desenvolvendo novas formas políticas e econômicas secretas de viver e ajudar outras pessoas negras a viver alforriadas ou escondidas. Estas vivências ainda são transmitidas de forma oral, contudo, observa-se o movimento cada vez mais contundente de registro destas histórias tanto para a literatura e outras formas de arte, quanto para as ciências humanas em geral.

Escrita é uma forma de banzo – lembrança, saudade, paixão do povo negro –, é saudade de uma origem que foi arrancada de nossas existências. A literatura brasileira escrita por mulheres negras é quase uma ferramenta pedagógica, já que na contemporaneidade tem crescido amplamente e conquistado leitores que cada vez mais se identificam com estas narrativas escritas e se sentem inspiradas a escrever, ao mesmo tempo em que traçam uma cena da vivência e trajetória da pessoa negra. A oralidade está na dinâmica da fabulação crítica (HARTMAN, 2021) destas autoras enquanto traço estilístico, preenchendo hiatos e lacunas identitárias. A linguagem escrita das narrativas literárias que, muitas vezes, remete à linguagem oral, faz emergir um sentimento de pertencimento, ou “pertença” naquelas que as leem/ouvem. Aparentemente simples, esta linguagem é meticulosamente construída a partir dos contemporâneos modos de contar histórias.

A fabulação crítica (re)conta os arquivos oficiais pela ótica e protagonismo negro, jogando com os elementos básicos da história e (re)arranjando-os, re(a)presentando a sequência de acontecimentos em histórias divergentes e de pontos de vista em disputa (HARTMAN, 2021), transgride a História que foi imposta de maneira colonial contando novas histórias contracoloniais. Tensiona narrativas coloniais com as contracoloniais, as de centro com as periféricas, as do opressor com as do oprimido.

Inspirado no ensaio *Vênus em dois atos* de Saidiya Hartman (2021), foi criado um roteiro de análise do prefácio de *Becos da memória* que poderia ser experimentado em outros escritos de mulheres negras. A partir do conceito de fabulação crítica e contra-História, a história fundamentada na impossibilidade:

Jogando com os elementos básicos da história e rearranjando-os, re(a)presentando a sequência de acontecimentos em histórias divergentes e de pontos de vista em disputa, [...] comprometer o status do acontecimento, deslocar o relato preestabelecido ou autorizado [...]. Lançando em crise "o que aconteceu e quando" e explorando a "transparência das fontes" como ficções da História. (HARTMAN, 2021, p. 122)

E contra-História:

[...] narrar contra-Histórias [...] tem sido sempre inseparável da escrita de uma História do presente, ou seja, o projeto incompleto de liberdade. [...] Uma História do presente luta para iluminar a intimidade de nossa experiência com a vida dos mortos, para escrever nosso agora enquanto ele é interrompido por esse passado e para imaginar um estado livre, não como um tempo antes da escravidão ou do cativeiro, mas como o esperado futuro desta escrita. (HARTMAN, 2021, p. 109/10)

As próximas sessões são transcrições em livre observação com base nos textos selecionados e apontados.

(Re)contar a violência que depositou esses traços no arquivo

A escolha do prefácio da obra *Becos da memória* dá-se pela justeza e poesia de suas palavras em descrever como se deu o processo de observação e criação literária de sua própria escrita que consecutiu nas *Escrevivências*, definição que ainda não se chegou a um consenso acadêmico se constitui um método ou um conceito. De toda forma, intelectuais, pesquisadores e estudantes negros utilizam esta forma para analisar pensares escritos por mãos negras. As escrevivências são barcos que transportam memórias ancestrais na travessia anti-Maafa.

Conceição Evaristo (re)conta no decorrer da obra, a violência gerada pela desapropriação da favela, nomeando personagens com características humanas que se tornam nomes próprios. A favela não tem localização e nem tempo específico, mas é um território habitado por pessoas negras e uma situação de gentrificação que acontece incessantemente há pelo menos dois séculos. Nas palavras de Evaristo: "Foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(-fundindo) escrita e vida, ou, melhor, dizendo, escrita e vivência. Talvez na escolha de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência*." (2017, p. 9).

O texto é um verdadeiro manual, que além de tudo mostra a vulnerabilidade e não confiança em sua escrita, aproximando os leitores negros da leitura, no sentido de que o colonialismo invisibilizou a própria escrita negra como forma de escravização em modelos coloniais:

Se a publicação de *Becos da memória* levou vinte anos para acontecer, o processo de escrita foi rápido, muito rápido. Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção. (EVARISTO, 2017, p. 10)

Conceição Evaristo criou o conceito de *Escrevivência*, como pode-se observar em sua própria definição:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sobre o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita nos pertence também. (EVARISTO, 2020, p. 38)

Ou, em outras palavras, a escrita a partir da vivência da mulher negra, na qual se retrata o cotidiano duro e violento da população negra que vive em constante estado de *Maafa* (Njeri, 2020), em vulnerabilidade, independentemente do tempo e desde o início da escravização, o que corrobora com o pensamento de Denise Ferreira sobre atemporalidade e evento racial, que se dão em um processo contínuo e infundável até aqui. Ainda que Conceição utilize uma linguagem poética, o sofrimento é perpassado por todas as suas narrativas, nas quais o protagonismo é sempre da mulher negra e são contadas de dentro de sua comunidade, construindo memórias e registrando histórias de aquilombamento, como forma de preencher a lacuna do apagamento e invisibilidade das vidas negras.

Uma contra-História do humano

Evaristo subverte a escrita esperada pela literatura clássica, refletindo a oralidade e aproximando a linguagem escrita à linguagem ancestral negra. O livro traz à tona memórias faveladas, que podem ser relacionadas a qualquer outra favela que passe por uma desapropriação. Contada pelo lado de dentro, por quem viveu por lá, toma em mãos retintas o protagonismo daquele que não pode escolher seu próprio destino e novamente foi deslocado de seu território compulsoriamente, tal qual na escravização. Em contrapartida, registrar memórias enquanto ainda se está vivo é um ato que ultrapassa as amarras coloniais, já que neste pensar o negro é incapaz de narrar ou escrever a própria história, além de continuar sendo encarcerado e morto incessantemente. É a abolição marcada no papel, uma contra-História, Conceição segue contando seu próprio escrever memórias, sendo também a protagonista de suas fabulações críticas:

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse vivendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar a minha. Assim nasceu a narrativa de *Becos da memória*. Primeiro foi o verbo de minha mãe. (EVARISTO, 2017, p.11)

Portanto, formula-se uma contra-História do humano como prática da liberdade, contando uma história, uma outra episteme que se aventura em direção a outro modo de escrita.

As feições da nova narrativa que as histórias tornam possível

A poética das escrevivências de Conceição Evaristo (2020) e da oralitura de Leda Maria Martins (2003) - performances do corpo e da fala grafadas na transmissão de saberes - se fundem nas características da contação de histórias, herança estética da cultura africana e afrodiaspórica que reverbera na autoria destas mulheres negras, afetando e sensibilizando, aproximando o texto de outras mulheres negras. Cumprindo uma função social de contar histórias, geram escuta, tendo como premissa a importância de se saber

o que se quer falar e para quem se quer falar, sendo ferramentas pedagógicas para estimular a escrita de outras mulheres negras. Estimulando o resgate de memórias individuais e ancestrais, a provocação de Evaristo é latente: “Insinuo apenas que a literatura marcada por uma escrevivência pode com(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta com (fusão) não me constrange” (2020, p. 12).

Como seria possível gerar um conjunto diferente de histórias a partir deste arquivo e visualizar um estado livre a partir desta ordem de enunciados?

O barco continua atravessando o atlântico, mesmo que tenha se transformado em avião, e a escravidão continua efetiva, mesmo que em forma de colonização mental. A afrodíaspóra continua em movimento, porém, o colonizador não desconfiava que pessoas negras afrodiaspóricas desenvolveriam estratégias de (re)existência, muito menos que os navios negreiros atravessariam uma diversidade cultural e política que carregariam ao longo dos séculos uma gama plural de memórias que seriam guardadas em segredo nos terreiros, nos quilombos e na particularidade de cada família negra nas periferias mundo afora. As poéticas da fuga moldaram formas furtivas e resistentes de vida, como as experiências dos quilombos. A tática dos disfarces, da camuflagem, dos esconderijos constituiu outra forma de resistência que não está restrita a uma visão viril e heroica do combate.

O trauma colonial foi memorizado segundo Grada Kilomba (2020); a opressão, violência e escravização das pessoas negras é um barco carregado do estado de Maafa (NJERI, 2019) que vai e volta de maneira coletiva e cotidiana, pois o evento racial (SILVA, 2016) que desumaniza é atemporal, metafísico e, por isso mesmo, uma ruptura no progresso. Tais processos tornam o corpo ainda mais vulnerável, o que pode causar uma total paralisação ao deparar-se com o choque traumático (Kilomba) ou provocar uma reação afetiva primária:

[...] e, no entanto, essa alteridade invasiva com a qual o corpo se depara pode ser, e com frequência é, o que anima a reação a esse mundo. Essa reação pode incluir um amplo espectro de emoções: prazer, raiva, sofrimento, esperança, para citar apenas algumas. (BUTLER, 2016, p. 58)

A reação afetiva primária pode ser também o ato revolucionário e transgressor da escrita, a subversão de narrativas protagonizadas por pessoas não brancas, muitas destas contracolonizadas, a transformação de arquivos de violências em reflexões literárias de crítica social. É possível compreender tal elucubração a partir de Butler:

A interpretação não surge como um ato espontâneo de uma mente isolada, mas como uma consequência de certo campo de inteligibilidade que ajuda a formar e a enquadrar nossa reação ao mundo invasivo (um mundo do qual dependemos, mas que também nos invade, exigindo uma reação de formas complexas e, às vezes, ambivalentes). Por isso a precariedade como condição generalizada se baseia em uma concepção do corpo como algo fundamentalmente dependente de, e condicionado por, um mundo sustentado e sustentável; a reação — e, em última instância, a responsabilidade — se situa nas reações afetivas a um mundo que sustenta e impõe. Como essas respostas afetivas são invariavelmente mediadas, elas exigem e desempenham o papel de certos enquadramentos interpretativos; podem também colocar em questão o caráter aceito como verdadeiro desses enquadramentos e, nesse sentido, fornecer as condições afetivas para a crítica social. Conforme já ponderei anteriormente, a teoria moral deve se converter em crítica social se quiser conhecer seu objeto e atuar sobre ele. (BUTLER, 2016, p.59)

É necessário fazer mais do que (re)contar a violência que depositou esses traços no arquivo do corpo de pessoas afrodescendentes e uma contra-História pode se tornar uma prática de liberdade anti-Maafa (NJERI, 2023), trazendo uma relação entre esquecimento/apagamento preciosa. Além de denunciar e registrar memórias pós-traumáticas, mostra a localização do corpo negro em seu território e suas estratégias de sobrevivência, onde pode se observar as reflexões de Butler. Sendo assim, as feições dessa nova narrativa escrita por mulheres negras tornam possível registrar memórias, mesmo que fabuladas criticamente, e contar histórias que podem tornar possível um afrofuturo performado primeiro na folha de papel, quando a liberdade escapole das entranhas da senzala e se aquilomba na afetividade da escrevivência.

[...] a memória são os conteúdos de um continente, da sua vida, da sua história, do seu passado. Como se o corpo fosse o documento. Não é a toa que a dança para o negro é um fundamento de libertação. O homem negro não pode ser liberto, enquanto ele não esquecer o cativo, não esquecer no gesto, que ele não é mais um cativo. (NASCIMENTO, 2018, p. 198)

Considerações finais

Contar e ouvir histórias é uma prática contemporânea e uma tecnologia ancestral. Sentar-se em círculo e partilhar saberes é produção de pensares infinitos. O corpo é um arquivo de memória, e, contada pelo ponto de vista de uma pessoa negra compõe uma história que é a própria História do Brasil, narrada por quem o cons-

truiu. A (re)construção da memória a partir das narrativas femininas negras se transfigura em potência e beleza, muitas das vezes.

As narrativas de mulheres negras me seduzem desde a infância, primeiro como contação de histórias e agora como arquivo-memória de uma História não contada oficialmente, uma contra-História, mulheres a contar suas histórias a partir das narrativas de autoras negras. Histórias registradas e contadas ressuscitam e honram aqueles que vieram antes de nós e podem transformar o pensamento e compreensão das próximas gerações, são legados e patrimônios imateriais.

Observo que muitas das histórias ouvidas, lidas e escritas por mulheres negras se entrecruzam ou tem pontos em comum. Outras vezes, tais histórias são a própria história dos territórios que habitamos, histórias que (re)constroem a História e a alteridade negra, preenchendo lacunas que me/nos constituem. Possivelmente, não extinguem a Maafa, mas certamente são uma estratégia para abrandá-la, almejando a transformação social e ressignificando a História através da força da palavra na Oralitura e na Escrivivência. E, assim, vamos conquistando uma abolição no barco que carrega memórias transmitidas pela oralidade e começam a se registrar e se legitimar primeiro no papel, até que um afrofuturo contra-colonial possa se efetivar nos territórios tanto relacionais quanto factuais.

Referências

- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** 1 ed. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DUARTE, Constância Lima & Nunes, Isabella Rosado (org). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças.** Malê, 2016.
- FANON, Franz. **Peles negras, máscaras brancas.** 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HARTMAN, Saidiya. **Pensamento negro radical.** 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** 1º ed. São Paulo: Cobogó, 2020.

- MARTINS, Leda Maria Martins. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória.** Letras, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 4 nov. 2025.
- NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo.** São Paulo: Ubu editora, 2022.
- NASCIMENTO, Beatriz. Transcrição do Documentário Orí. In: NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição.** 1 ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. pp. 326-340.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mão negras.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na Maafa. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação** – RESAFE, n. 31, p. 4–17, 2019. DOI: 10.26512/resafe.vi31.28253. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28253>. Acesso em: 4 nov. 2025.
- OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres.** 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu, 2023.
- SILVA, Denise Ferreira da. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo. In. PEDROSA, A. C.; MESQUISTA, A. (eds.) **Histórias Afro-Atlânticas.** Vol. 2. Antologia. São Paulo: MASP, 2018, p. 407-411.

WRITING-LIVING:

THE BLACK FEMALE NARRATIVE AS A BOAT CARRYING MEMORIES ON A JOURNEY TOWARDS THE ABOLITION OF HISTORY

Abstract

This article aims to raise questions about literary creation and the writing of Afro-diasporic memory based on the preface to *Becos da Memória* by author Conceição Evaristo. Supported by references such as Saidiya Hartman's concept of critical fabulation in the writing process for the construction of a counter-History (2021), it offers the possibility of dialogue with Beatriz Nascimento's description of the document-body (2021), Judith Butler's *Survivability, Vulnerability, Affect*, Denise Ferreira da Silva's *O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo*, in confluence with the essay *Decolonizando o eu*, by thinker Grada Kilomba (2020).

Keywords

Writing-living. Critical fabulation. Black Women's narratives. Document-body.